

A travessia do Mar Vermelho: análise do texto bíblico e da tese de Ron Wyatt



Paulo Neto

A travessia do Mar Vermelho: análise do texto bíblico e da tese de Ron Wyatt

*"[...] e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas."
(Paulo, 2 Timóteo 4,4)*

"[...] se admitíssemos que Deus faz alguma coisa contrária às leis da natureza, seríamos também obrigados a admitir que Deus age em contradição com a sua própria natureza, o que é um absurdo." (ESPINOSA, 1670)

Paulo Neto

Copyright 2024 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[https://assets.epuzzle.info/puzzle/090/356/
original.webp](https://assets.epuzzle.info/puzzle/090/356/original.webp)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: <https://paulosnetos.net>

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, Outubro/2024.

Índice

| | |
|---|----|
| 1. Considerações iniciais..... | 4 |
| 2. Mar Vermelho: a travessia que nunca existiu..... | 6 |
| 2.1. As passagens relacionadas..... | 6 |
| 2.2. A rota inicial do Êxodo..... | 14 |
| 2.3. Algumas explicações dos tradutores..... | 19 |
| 2.4. A arqueologia confirma os fatos?..... | 21 |
| 2.5. Fatos semelhantes..... | 23 |
| 2.6. Outra versão bíblica do êxodo..... | 26 |
| 2.7. Conflitos inexplicáveis..... | 28 |
| 2.8. Conclusão..... | 32 |
| 3. Mar Vermelho: pela “Arqueologia” de Wyatt..... | 35 |
| 3.1. Origem da análise da arqueologia de Wyatt..... | 35 |
| 3.2. Análise crítica dos argumentos de Wyatt..... | 39 |
| 3.3. Conclusão..... | 69 |
| 4. Considerações finais..... | 74 |
| 5. Referências bibliográficas..... | 75 |
| 6. Dados biográficos do autor..... | 79 |

1. Considerações iniciais

Desde meados de 1987, quando passamos a usar como parâmetro a “fé raciocinada”, temos visto com “outros olhos” as narrativas bíblicas. Muitas pessoas chocam com esse tipo de atitude, mas se esquecem desta frase de Jesus: *“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”* (João 8,32)

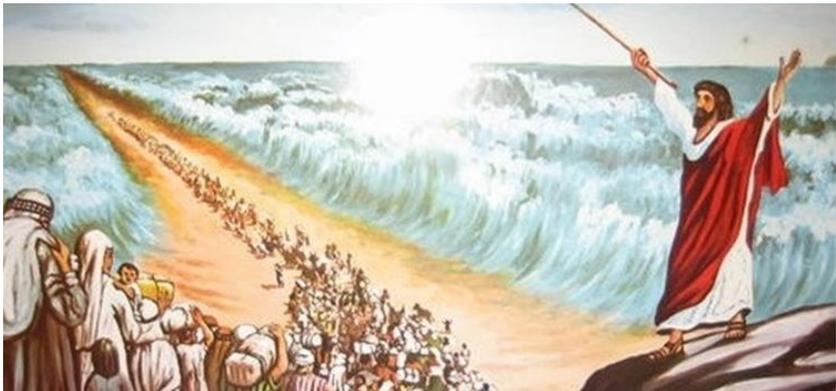
Ora, a verdade resistirá a todo e qualquer questionamento e análise, pois reportando-se a algo verdadeiro jamais mudará a sua narrativa.

Quando de nossos debates com pessoas de outras correntes religiosas que queriam nos “converter a Jesus”, elaboramos inúmeros textos com análises de trechos da Bíblia. Foi a partir daí que os nossos olhos se “abriram para a luz”, sem a menor possibilidade de voltarmos a visão anterior que dela tínhamos.

Uma narrativa bíblica que sempre nos causou espécie foi a que trata da travessia do Mar Vermelho,

em que Moisés, liderando o povo hebreu, o atravessou a pé enxuto.

Fenômeno espetacular digno de uma reprodução à lá Steven Spielberg, renomado cineasta e produtor cinematográfico norte-americano (1):



Essa nossa pesquisa será dividida em duas partes; na primeira, analisaremos os textos bíblicos que narram esse episódio e na segunda, será a vez de examinarmos a tese de Ron Wyatt (1933-1999).

2. Mar Vermelho: a travessia que nunca existiu

Relatam-nos os textos sagrados, que o povo hebreu, ao sair do Egito, defrontou-se com o Mar Vermelho, que se dividiu em duas muralhas após Moisés estender a mão sobre ele, de modo que todo o povo o atravessou a pé enxuto. Os egípcios, que o perseguiram, foram tomados pelas águas, quando elas se juntaram novamente, perecendo todo o exército do Faraó.

Apesar desse “milagre” nos impressionar, nunca deixamos de questionar se realmente isso aconteceu, tal como se encontra relatado na Bíblia. Pelo que vimos nos filmes épicos, é muita água!

Nessa pesquisa, veremos se conseguiremos desvendar esse mistério.

2.1. As passagens relacionadas

Das várias Bíblias, fonte de nossa pesquisa,

somente a intitulada *Bíblia de Jerusalém* traz a verdadeira denominação do local da passagem. Optamos por colocar todas as narrativas que mencionaremos pelo teor dela, uma vez que a equipe formada para sua tradução foi composta por tradutores católicos e protestantes; portanto, uma versão de consenso que, segundo pensamos, evita, muito mais que qualquer outra, textos adaptados à conveniência religiosa de um segmento específico.

Êxodo 13,17-18: *“Ora, **quando o Faraó deixou o povo partir**, Deus não o fez ir pelo caminho no país dos filisteus, apesar de ser o mais perto, porque Deus achava que diante dos combates o povo poderia se arrepender e voltar para o Egito. Deus, então, fez o povo dar a volta pelo caminho do deserto do **mar dos Juncos**, e os israelitas saíram bem armados do Egito.”* (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Já temos o nosso primeiro problema: qual foi o verdadeiro motivo pelo qual os hebreus saíram do Egito? A razão da pergunta é bem simples: por incrível que pareça, temos “apenas” três alternativas para escolher; senão vejamos:

1ª) Em Êxodo 12,39, afirma que **foram expulsos**;

2ª) Em Êxodo 13,17, fala que o Faraó **os deixou partir**; e

3ª) Em Êxodo 14,5, diz que **fugiram** do Egito.

Mas, por incrível que possa parecer, surgiu um dogmático que defendeu ter acontecido todos os três motivos; haja fanatismo! O que não se faz para sustentar que os textos bíblicos sejam verdadeiros... Caso contrário, a crença de que a Bíblia é inerrante cai por terra.

Russel N. Champlin (1933-2018) e J. M. Bentes têm uma opinião bem interessante que consta de uma das obras ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 1***, que transcrevemos:

Finalmente, devemos lembrar que **as declarações de que a Bíblia não contém erro alicerçam-se sobre o dogma humano** e levaram séculos para se desenvolver. **A própria Bíblia não reivindica isso para si mesma.** Em consequência, **ao negarmos elementos fantásticos da Bíblia, estamos meramente**

repelindo os dogmas humanos, e não o que a Bíblia diz por si mesma [...].

[...] Mas, supor que eles [os autores sagrados] tivessem de estar certos em tudo não passaria de dogmas humanos que precisavam de séculos para se desenvolver. **Os próprios autores não reivindicaram inerrância; e mesmo que o tivessem feito, não poderiam comprová-la. Aquele que precisa apelar para o mito da inerrância é um infante espiritual que precisa de mamadeira adredemente preparada.** A espiritualidade não se parece com isso. De fato, a espiritualidade (em seu aspecto de conhecimento) é uma aventura, uma inquirição. Existem grandes verdades subjacentes como Deus, a existência e a sobrevivência da alma, e muitos detalhes dotados de base histórica. Porém, é vão tentar encaixar historicamente e sem erros tudo quanto encontramos na Bíblia. (²)

É parece que os autores não se afinam com os fanáticos, que, piamente, acreditam que tudo quanto está na Bíblia é totalmente verdadeiro.

Sobre Êxodo 13,17-18, passo que estamos analisando, na ***Bíblia de Jerusalém***, em nota de rodapé, explicam os tradutores:

A designação “**o mar dos Juncos**”, em hebraico ***yam sùf***, é acréscimo. **O texto primitivo**

dava apenas uma indicação geral: os israelitas tomaram o caminho do deserto para o leste ou o sudeste. – o sentido desta designação e a localização do “mar de Suf” são incertos. Ele não é mencionado na narrativa de Ex 14, que fala apenas do “mar”. O único texto que menciona o “mar de Suf” ou “mar dos Juncos” (segundo o egípcio) como cenário do milagre é Ex 15,4, **que é poético.**
(³)

Veremos, mais à frente, que Werner Keller (1909-1980), autor do livro *E a Bíblia Tinha Razão...*, reforça essa afirmativa sobre a designação desse local.

Êxodo 14,21-28: *“Então Moisés estendeu a mão sobre **o mar**. E lahweh, por **um forte vento oriental** que soprou toda aquela noite, fez **o mar** se retirar. Este se tornou terra seca, e as águas foram divididas. Os israelitas entraram pelo meio do **mar** em seco; e as águas formaram como um muro à sua direita e à sua esquerda. Os egípcios que os perseguiram entraram atrás deles, todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavaleiros, até o meio do **mar**... Moisés estendeu a mão sobre o **mar** e este, ao romper da manhã, voltou para o seu leito. Os egípcios, ao fugir, foram de encontro a ele. E*

*lahweh derribou os egípcios no meio do mar. As águas voltaram e cobriram os carros e cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no **mar**; e **não escapou um só deles**".*

Da **Bíblia de Jerusalém**, transcrevemos da nota de rodapé a seguinte explicação:

Esta narrativa apresenta-nos o milagre de duas maneiras: 1º) Moisés levanta a sua vara sobre o mar, que se fende, formando duas muralhas de água entre as quais os israelitas passam a pé enxuto. Depois, quando os egípcios vão atrás deles, as águas se fecham e os engolem. Esta narrativa é atribuída à tradição sacerdotal ou eloísta. 2º) Moisés encoraja os israelitas fugitivos, assegurando-lhes que nada têm que fazer. Então, lahweh faz soprar um vento que seca o "mar", os egípcios ali penetram e são engolidos pelo seu refluxo. Nesta narrativa, atribuída à tradição javista, somente lahweh é que intervém; não se fala de uma passagem do mar pelos israelitas, mas apenas da miraculosa destruição dos egípcios. Esta narrativa representa a tradição mais antiga. É somente a destruição dos egípcios que afirma o canto muito antigo de Ex 15,21, desenvolvido no poema de 15,1-18. Não é possível determinar o lugar e o modo deste acontecimento; mas aos olhos das testemunhas apareceu como uma intervenção espetacular de "lahweh guerreiro" (Ex 15,3) e tornou-se um artigo fundamental da fé

javista (Dt 11,4; Js 24,7 e cf. Dt 1,30; 6,21-22; 26,7-8). Este milagre do mar foi posto em paralelo com outro milagre da água, a passagem do Jordão (Js 3-4); a saída do Egito foi concebida de maneira secundária à imagem da entrada em Canaã, e as duas apresentações misturam-se no cap. 14. A tradição cristã considerou este milagre como uma figura da salvação, e mais especialmente do batismo (1Cor 10,1). (4)

Muitas vezes explicam certas passagens bíblicas sem lavar em consideração as suas próprias explicações para análise de outros textos. Por isso, insistem que tal ocorrência se trata de “milagre”; mas, como já deixamos transparecer, logo de início, só se por delírio poético do autor bíblico.

Ficamos em dúvida de como as coisas realmente aconteceram, já que, pelo relato, Moisés estendeu a mão sobre o mar, enquanto que o historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.), em *História dos Hebreus*, dizendo sobre o que se encontra nos Livros Santos, narra da seguinte forma:

Este admirável guia do povo de Deus, depois de ter acabado a sua oração, **tocou o mar com sua vara maravilhosa** e no mesmo instante ele se dividiu, para deixar os hebreus passar livremente,

atravessando-o a pé enxuto, como se estivessem andando em terra firme. ⁽⁵⁾

Assim, temos duas versões para o mesmo fato. Por outro lado, Flávio Josefo registra de forma espetacular o retorno das águas ao leito do mar, com o perecimento dos egípcios, o que não encontramos na Bíblia da mesma forma. Vejamos:

O vento juntara-se às vagas para aumentar a tempestade: **grande chuva caiu dos céus; os relâmpagos misturaram-se com o ribombo do trovão, os raios seguiram-se aos trovões** e para que não faltasse nenhum sinal dos mais severos castigos de Deus, na sua justa cólera, punindo os homens, uma noite sombria e tenebrosa cobriu a superfície do mar; do modo que, de todo esse exército, tão temível, **não restou um único homem que pudesse levar ao Egito a notícia da horrível catástrofe.** ⁽⁶⁾

Em seu cântico entoado a Deus, Moisés, a certa altura, diz: *“Soprastes com o teu vento, e o mar os cobriu; afundaram-se como chumbo em águas impetuosas”* (Êxodo 15,10), referindo-se ao retorno ao estado normal das águas do mar, que cobriram os egípcios.

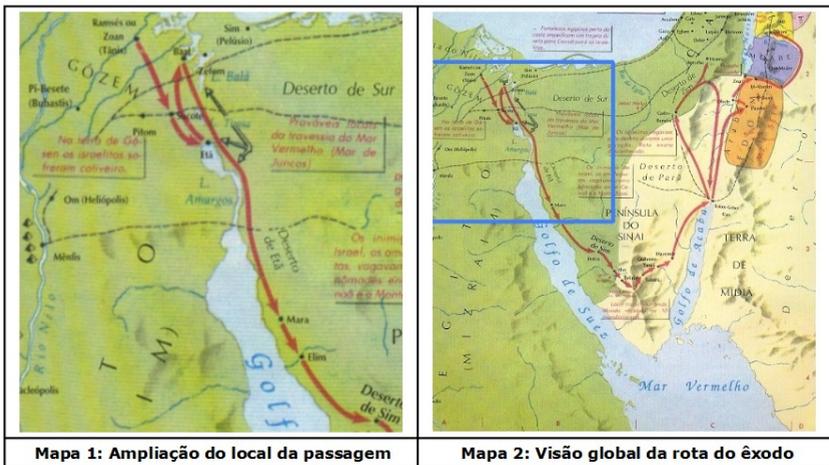
Em nota de rodapé, o tradutor da **Bíblia Shedd**, Russell Philip Shedd (1929-2016), teólogo evangélico, assim explica:

Ex 15,10: *Sopraste*. Ex 14,21 nos mostra que **as águas do mar foram afastadas por um forte vento; então era uma mudança de vento que deixou voltar a maré**, que agora se tornou em arma contra os perseguidores. (7)

Então o afastamento das águas foi por conta de um forte vento, nada tem a ver com um suposto milagre realizado por Moisés.

2.2. A rota inicial do Êxodo

Partiram de Ramsés para Sucot, daí seguiram a Etam, de onde foram até Piairot, ponto em que partiram e atravessaram o mar, acampando em Mara, no Deserto de Etam. (Êxodo 13,20; 14,2.9.15; 15,22; Números 33,5-8). Os mapas 1 e 2 (8), logo abaixo, ajudarão a identificar a rota de fuga, onde a rota está realçada pela linha vermelha. A região do retângulo no mapa 2, foi ampliada no mapa 1:



Observe no Mapa 1 (destaque da área realçada no retângulo azul no Mapa 2) que, na região da passagem pelo “Mar Vermelho”, existe até uma rota comercial (linha pontilhada), demonstrando que não se necessitava de nenhum milagre para passar pelo local.

Werner Keller, num mapa colocado em seu livro *E a Bíblia Tinha Razão...*, informa que essa área é denominada de “mar dos Juncos”, o que de fato se pode confirmar no mapa acima que foi retirado da *Bíblia Anotada, Mundo Cristão*.

Bem abaixo, ainda no Mapa 1, na região indicada como de ajuntamento de água, se refere ao

Golfo de Suez. Não se trata especificamente do Mar Vermelho, que fica bem mais abaixo, conforme se pode ver mais claramente no Mapa 2, que, segundo nossos cálculos, dista cerca de 360 km do local da passagem.

Temos, então, pela geografia da região, que o Mar Vermelho é, vamos assim dizer, dividido pela Península do Sinai em dois golfos, o Golfo de Suez e Golfo de Acaba. Como se diz popularmente “cada um é cada um”, ou melhor, geograficamente falando, golfo é golfo, não é o mar propriamente dito.

Em ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 4*** os autores Russel N. Champlim e J. M. Bentes, são categóricos, dizendo:

As águas do êxodo. A comparação entre Êxodo 14 e 15:22, observando-se o paralelismo poético em 15:4, deixa claro que o **“mar” atravessado pelos hebreus em Êxodo 14 era o “mar dos juncos”, que corresponde ao egípcio “alagadiço de papiros”, particularmente no nordeste do delta do Nilo.** ⁽⁹⁾

Essa localização leva-nos, justamente, à parte destacada do mapa 1, uma região pantanosa, na

qual, provavelmente, os hebreus, na condição de escravos, colhiam os papiros para serem processados e transformados em folhas, visando servirem para os registros escritos.

Veja, caro leitor, que explicação interessante encontramos na ***Bíblia Shedd***:

Ex 12,37: *Sucote*. Parece ser a cidade de Pitom, bem ao norte do Mar Vermelho. As grandes estradas centrais, guardadas por fortificações, se achavam muito mais para o norte (cf 13,17). **Parece que até dois mil anos atrás, o Mar Vermelho se estendia quase até lá.** ⁽¹⁰⁾

Vê-se que o tradutor Russell Philip Shedd procurou uma saída honrosa para justificar a passagem do Mar Vermelho, levantando a hipótese de que, naquela época, ele se estendia até a cidade de Sucot. Até hoje, ele foi a única pessoa que disse isso, dentre os inúmeros exegetas que já tivemos oportunidade de ler.

Na ***Bíblia Sagrada - Paulinas*** (1980), encontramos a seguinte explicação:

Sucot, nome genuinamente hebraico, que parece ser a cidade de Tell-el-Maskhuta, situada a cerca de 25 km a sudeste de Ismaíia, que se acha às margens do canal de Suez, mais ou menos na metade. ⁽¹¹⁾

O que faz situá-la às margens do canal de Suez, conferindo com o que se vê nos mapas acima.

O historiógrafo britânico Laurence Gardner (1943-2010), em ***Os Segredos Perdidos da Arca Sagrada***, deu a seguinte opinião sobre isso:

Ao estudar o relato do Êxodo no Antigo Testamento e a travessia do Mar Vermelho, cujas águas se partiram, tornando-se “qual muro à sua direita e à sua esquerda (Êxodo 14:22), **descobrimos que, na verdade, não havia mar para que os israelitas cruzassem**. Contam-nos que Moisés levou o povo de Avaris (pi-Ramsés) na planície de Goshen, no Delta do Nilo, de onde viajaram ao Sinai (Êxodo 16:1) por um caminho para Midiã (Êxodo 18:1). **Mas essa rota atravessa o deserto a norte do Mar Vermelho, onde o Canal artificial de Suez, de 165 km, aberto em 1869, está atualmente**. Logicamente, isso coloca a história da divisão das águas por Moisés no mesmo reino mítico do conto do cesto de juncos. ⁽¹²⁾.

Contra a tese do “milagre”, é fatal a conclusão de Laurence Gardner: “*descobrimos que não havia mar para que os israelitas cruzassem*”.

2.3. Algumas explicações dos tradutores

Fora as que já fornecemos, logo após as passagens anteriormente transcritas, seria ainda interessante lermos outras que se nos apresentam.

1) *Bíblia Anotada*

O local da travessia do *Mar Vermelho* foi provavelmente a extensão **norte do Golfo de Suez**, ao sul do atual porto de Suez. Embora a **expressão literal seja “mar dos Juncos”**, a referência é ao mar Vermelho, não simplesmente a alguma região alagadiça. ⁽¹³⁾

2) *Bíblia Sagrada – Vozes*

a) *Mar Vermelho*: lit. “**mar dos Juncos**”. **A expressão designa** tanto o atual mar Vermelho como **também a região pantanosa e de lagunas, atravessada hoje pelo canal de Suez**. É o cenário da passagem dos israelitas pelo “mar Vermelho”. ⁽¹⁴⁾

b) **A descrição da passagem pelo mar Vermelho corresponde a um fenômeno de**

ordem natural, como o sugere a menção do “vento forte” (v.21) **que põe o mar, isto é, uma região pantanosa**, em seco. Tal fenômeno foi providencial para salvar os israelitas (v.24) e fazer perecer os egípcios (v.27): de madrugada as condições climáticas foram favoráveis à passagem segura dos israelitas; de manhã mudaram bruscamente e os egípcios pereceram. Nisto Israel viu a mão providencial de Deus (v.31), expressa pela nuvem e pelo fogo (13,21), pelas águas que formam alas para os israelitas passarem (14,22) e pela vara milagrosa de Moisés (v.16.21.26). ⁽¹⁵⁾

c) **Em toda essa narração da passagem do mar Vermelho é difícil estabelecer o que haja de verdadeiramente histórico e o que haja de fruto de reelaborações épicas.** Tampouco é possível indicar o ponto exato em que se deu a travessia. Por certo, há uma intervenção milagrosa de Deus que, embora servindo-se de fenômenos naturais, pode ordená-los no tempo e lugar para que facilitassem a fuga dos hebreus e o castigo dos egípcios. Em todo o A.T. a passagem do mar Vermelho foi sempre considerada como o exemplo mais esplêndido do socorro providencial de Deus, e em o N.T. é ainda considerada como a figura da salvação, mediante a ablução batismal. ⁽¹⁶⁾

Mesmo que em algumas delas se reconheça que não é realmente o mar Vermelho, mas o mar dos Juncos, ou que o que aconteceu foi um fenômeno de ordem natural, cujo efeito foi colocar a região

pantanosas em seco, não deixam de envidar esforços, em seus argumentos, para levá-lo à conta de milagre, contrariando o bom senso, base da fé racional, em detrimento da fé cega.

2.4. A arqueologia confirma os fatos?

Agora, sim, é que iremos ver o que em **A Bíblia Tinha Razão...**, Werner Keller tem mesmo a nos dizer sobre esse assunto. Vejamos:

Esse “milagre do mar” tem ocupado incessantemente a atenção dos homens. O que até agora nem a ciência nem a pesquisa conseguiram esclarecer não é de modo algum a fuga, para a qual existem várias possibilidades reais. A controvérsia que persiste é sobre o cenário do acontecimento, que ainda não foi possível fixar com certeza.

A primeira dificuldade está na tradução. **A palavra hebraica “Yam suph” é traduzida ora por “mar Vermelho”, ora por “mar dos Juncos”.** Repetidamente se fala do “*mar dos Juncos*”: “*Ouvimos que o Senhor secou as águas do mar dos Juncos [1] à vossa entrada, quando saístes do Egito...*” (Josué 2.10). No Velho Testamento, até o profeta Jeremias, fala-se em “*mar dos Juncos*”. O Novo Testamento diz sempre “mar Vermelho” (Atos

7.36; Hebreus 10.29).

Às margens do mar Vermelho não crescem juncos. O mar dos juncos propriamente ficava mais ao norte. Dificilmente se poderia fazer uma reconstituição fidedigna do local – e essa é a segunda dificuldade. A construção do **Canal de Suez** no século passado modificou extraordinariamente o aspecto da paisagem da região. **Segundo os cálculos mais prováveis, o chamado “milagre do mar” deve ter acontecido nesse território.** Assim, por exemplo, o antigo lago de Ballah, que ficava ao sul da estrada dos filisteus, desapareceu com a construção do canal, transformando-se em pântano. Nos tempos de Ramsés II, existia ao sul uma ligação do golfo de Suez com os lagos amargos. Provavelmente chegava mesmo até mais adiante, até o lago Timsah, o lago dos Crocodilos. Nessa região existia outrora um mar de juncos. **O braço de água que se comunicava com os lagos amargos era vadeável em diversos lugares.** A verdade é que foram encontrados alguns vestígios de passagens. A fuga do Egito pelo mar dos Juncos é, pois, perfeitamente verossímil.

[1] As traduções em português consultadas citam sempre “mar Vermelho”. (N. do T.) ⁽¹⁷⁾

As observações de Werner Keller, perfeitamente, se encaixam com algumas das explicações dadas pelos tradutores, ficando, desta

forma, sem propósito qualquer argumento contrário, a não ser que algum dia a ciência venha em socorro dos que querem enxergar as coisas sob um ponto de vista religioso, sustentando os fatos como milagres.

É bom deixar registrado que, enquanto que em outras bíblias a palavra Mar Vermelho aparece vinte e nove vezes, na *Bíblia de Jerusalém* [18], encontramos: dezessete vezes usando **Mar dos Juncos**, apenas sete vezes como **Mar Vermelho**, três vezes lê-se **Mar de Suf** e uma vez é citado **Mar dos Caniços**.

2.5. Fatos semelhantes

A respeito da passagem do Mar Vermelho, em *História dos Hebreus*, o historiador Flávio Josefo nos relata outro acontecimento análogo:

[...] ninguém deve considerar como coisa impossível, que homens, que viviam na inocência e na simplicidade desses primeiros tempos, tivessem encontrado, para se salvar, uma passagem no mar, que se tenha ela aberto por si mesma, quer isso tenha acontecido por vontade de Deus, pois a **mesma coisa aconteceu algum tempo depois**

aos macedônios, quando passaram o mar da Panfília, sob o comando de Alexandre, quando Deus se quis servir dessa nação para destruir o império dos persas, como o narram os historiadores que escreveram a vida desse príncipe. Deixo, no entanto, a cada qual que julgue como quiser. ⁽¹⁹⁾

Observe que nessa fala de Flávio Josefo é dito dum fato semelhante acontecido com os macedônios, que também a pé enxuto passaram o mar da Panfília.

No livro de Josué (3,14-17) o povo de Israel atravessou o rio Jordão, após as suas águas terem se dividido, fato semelhante à narrativa da passagem do Mar Vermelho. Muitos também têm esse episódio como um milagre. Entretanto, vejamos as seguintes notas explicativas dos tradutores:

a) ***Bíblia Sagrada – Santuário***

Sabemos que as águas do Jordão, no seu leito estreito e profundo, vão minando as margens, provocando de vez em quando grandes desabamentos de terras que podem obstruir por completo, a torrente. A partir desse lugar, o leito permanece seco até que as águas rompem uma passagem e encontram de novo o seu caminho. A

história conta-nos que isso aconteceu em 1267, 1914 e 1927. Em nada diminuiria a ação de Deus se se tivesse servido miraculosamente, nesse momento exato, destes elementos locais. ⁽²⁰⁾

b) ***Bíblia de Jerusalém***

Relaciona-se esse fato com o ocorrido em 1267, segundo o cronista árabe [de nome Huwairi, conforme Ed. Paulinas, pág. 222] o Jordão cessou de correr durante dez horas, porque desmoronamentos do terreno haviam obstruído o vale, precisamente na região de Adamá-Damieh. ⁽²¹⁾

c) ***Bíblia Sagrada – Vozes***

[...] O Jordão, de fato, é um pequeno rio que, em alguns lugares, permite a travessia a pé enxuto, principalmente graças à abundância de pedras em seu leito. ⁽²²⁾

d) ***Bíblia Shedd***

Js 3,15-17: *O Jordão transbordava* nos meses de maio e junho. Em Adã, cidade 25 km ao norte, o Jordão corre entre ribanceiras de barro de 13 m de altura, sujeitas a desmoronamento. Podia ter sido o método que Deus usou para estancar as águas e deixar passar o povo, na hora determinada por Ele. ⁽²³⁾

Portanto, esse “milagre” da separação das

águas do rio Jordão é um fenômeno de ordem natural e não uma “ação divina” a favor dos israelitas; como se Deus fizesse algum tipo de exceção em suas leis...

2.6. Outra versão bíblica do êxodo

Sempre que estivermos pesquisando algo para saber o que de fato aconteceu, é recomendável vermos outras fontes. Vejamos uma outra versão da saída dos hebreus do Egito, constante de Números 33,1-16, versão *Bíblia de Jerusalém*:

“Estas são as etapas que os israelitas percorreram, desde que saíram da terra do Egito, segundo os esquadrões, sob a direção de Moisés e Aarão. Moisés registrou os seus pontos de partida, quando saíram sob as ordens de Iahweh. Estas são as etapas, segundo os seus pontos de partida. Partiram de Ramsés no primeiro mês. No décimo quinto dia do primeiro mês, no dia seguinte à Páscoa, partiram de mão erguida, aos olhos de todo o Egito... Os israelitas partiram de Ramsés e acamparam em Sucot. Em seguida partiram de Sucot e acamparam em Etam, que está nos

*limites do deserto. Partiram de Etam e voltaram em direção de Piairot, que está diante de Baal-Sefon, e acamparam diante de Magdol. Partiram de Piairot e alcançaram o deserto, depois de terem atravessado o mar, e depois de três dias de marcha no deserto de Etam acamparam em Mara. Partiram de Mara e chegaram a Elim. Em Elim havia doze fontes de água e setenta palmeiras; ali acamparam. **Partiram de Elim e acamparam junto ao mar dos Juncos. Em seguida partiram do mar dos Juncos e acamparam no deserto de Sin.** Partiram do deserto de Sin e acamparam em Dafca. Partiram de Dafca e acamparam em Alus. Partiram de Alus e acamparam em Rafidim; o povo não encontrou ali água para beber. Partiram de Rafidim e acamparam no deserto do Sinai.” (24)*

Nessa versão de Números, que reproduzimos só até a chegada ao Sinai, não há a menor menção à abertura do mar Vermelho, porém cita a região da travessia como sendo o Mar dos Juncos; não é interessante?!

Mas poderia alguém nos perguntar: de onde você a retirou? Responderemos serenamente: da Bíblia! Como!? Da Bíblia? Sim; é isso mesmo; essa passagem foi transcrita dela; se quiser comprovar

que então leia Números 33,1-49.

O “x” da questão é: com qual das versões ficaremos como sendo a verdadeira? Como se vê pela descrição contida em Números 33, a passagem pelo mar dos Juncos foi coisa normal, e não poderia ser de outra forma, pois já existia uma rota comercial passando por aquele local, conforme poder-se-á comprovar pela linha pontilhada no mapa 1.

2.7. Conflitos inexplicáveis

Primeiramente, ficamos sem saber por qual motivo os hebreus saíram do Egito. O Faraó os deixou sair (Êxodo 13,17)? Ou será que, ao invés disso, foram expulsos (Êxodo 12,39)? Quem sabe, se não fugiram (Êxodo 14,5)? Ou, talvez, teria sido o próprio Deus quem os tirou da servidão, conforme Ele afirma (Êxodo 20,2)?... O mais provável que tenha acontecido é que houve uma fuga, razão pela qual não seguiram o caminho mais indicado, que ligava o Egito à Ásia, pois nele havia uma fortaleza egípcia (Muralha dos Príncipes). Isso é levantado por Werner Keller em ***A Bíblia Tinha Razão...***:

A primeira parte do caminho seguido pelos fugitivos é fácil de acompanhar no mapa. Ele não conduzia – convém notá-lo – em direção ao que se chamou mais tarde “caminho dos filisteus” (Êxodo 12.17), a grande estrada que se estendia do Egito à Ásia, passando pela Palestina. Essa grande estrada para caravanas e colunas militares seguia quase paralela à costa do mar Mediterrâneo e era o caminho mais curto e melhor, mas também o mais bem vigiado. Um exército de soldados e funcionários, estabelecido no forte da fronteira, exercia rigoroso controle de todas as entradas e saídas.

Esse caminho, portanto, oferecia grande perigo. Por esse motivo, o povo de Israel seguia para o sul. [...]. (25)

Para quem estava fugindo, o melhor caminho era aquele onde não havia nenhuma tropa do exército do Faraó para guarnecê-lo, razão pela qual essa hipótese torna-se a mais provável. Poderemos ainda corroborá-la com a perseguição levada a efeito pelo Faraó (Êxodo 14,6-9); isso não aconteceria se ele tivesse deixado os hebreus saírem, mas plenamente justificável se houvesse uma fuga, fato que tornaria o passo Êxodo 14,5 como tendo sido o ocorrido. Com isso, também não ficaria fora de propósito no caso de os hebreus terem saído sem levar nenhuma provisão de alimentos para a jornada,

conforme narrado em Êxodo 12,39, embora, nessa passagem, se afirme que eles foram expulsos.

Continuando, leiamos as seguintes passagens:

Êxodo 14,6-9: *“O Faraó mandou aprontar o seu carro e tomou consigo o seu povo; tomou seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, com oficiais sobre todos eles. E Iahweh endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, e este perseguiu os israelitas, enquanto saíam de braço erguido. Os egípcios perseguiram-nos, com todos os cavalos e carros de Faraó, e os cavaleiros e o seu exército, e os alcançaram acampados junto ao mar, perto de Piariot, diante de Baal Sefo”*.

Êxodo 14,23: *“Os egípcios que os perseguiam entraram atrás deles, todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavaleiros, até o meio do mar”*.

Êxodo 14,28: *“As águas voltaram e cobriram os carros e cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar; e **não escapou um só deles**”*.

O primeiro conflito é: como os egípcios poderiam estar ainda usando os cavalos, uma vez que, quando a peste grassou, uma das pragas

divinas, os atingiu fazendo morrer todos os seus animais (Êxodo 9,6)?

O segundo é em relação ao Faraó. Conforme os estudiosos, é provável que o Faraó daquela época tenha sido Ramsés II. O relato diz que todos morreram, exército e Faraó, não escapando um só. Mas será que um evento desse, envolvendo o próprio Faraó, não teria sido registrado pelos egípcios? Será que houve uma lamentável falha entre os historiadores daquela época? Apesar de nossos esforços em procurar saber como Ramsés II morreu, só encontramos essas referências:

a) ***Só História***, Os grandes faraós (continuação):

Ramsés foi um dos maiores faraós que o Egito já teve. Governou por 70 anos, talvez nenhum faraó tenha governado tanto. Foi um grande construtor e um grande lutador. Ramsés **morreu com aproximadamente 90 anos** e gerou pelo menos 90 filhos. Quando estudaram a múmia de Ramsés, viram grandes problemas com seus dentes. Pode ser que tenha morrido por infecção. Sabe-se que nos seus últimos dias sofreu bastante. ⁽²⁶⁾

b) ***National Geographic***, Ramsés, o Grande, por Rick Gore:

Como o grande Ramsés morreu?
Provavelmente de velhice. ⁽²⁷⁾

c) **National Geographic**, Vale dos Reis, por Kent R. Weeks:

Ramsés II morreu em agosto de 1213 a.C., com
cerca de 90 anos. ⁽²⁸⁾

Entretanto, fosse sua morte provocada pela maneira descrita na Bíblia, fatalmente haveria registro disso em outras fontes. Por conseguinte, caso o Faraó não tenha morrido afogado, o que é o mais provável, então o relato bíblico é fictício; eis o dilema.

2.8. Conclusão

De nada adianta usar interpretações tendenciosas de muitas das religiões tradicionais para sustentar esses fatos, pois, ao homem inquiridor dos dias atuais, alegações desse tipo não convencem, já que ele prefere que se busque a verdade dos fatos. Devemos, mesmo à custa de muita indignação por parte de algumas pessoas, apontar os equívocos de interpretação, as

interpolações, bem como as deliberadas adulterações, para mostrar a verdade limpa e pura, que muito mais agrada que uma afirmação contraditada pelos fatos.

Devem, pois, os teólogos rever seus conceitos, conceitos esses que, diga-se de passagem, em sua maioria, são dum passado remoto e que, por força dos conhecimentos atuais, tornaram-se obsoletos. “*A verdade ainda que tardia*”, diria Tiradentes numa situação dessa.

Finalizando, na obra **Tratado Teológico-Político** temos a opinião de Baruch de Espinosa (1632-1677) a respeito de milagres desse tipo:

O homem comum chama, portanto, milagres ou obras de Deus aos fatos insólitos da natureza e, em parte por devoção, em parte pelo desejo de contrariar os que cultivam as ciências da natureza, **prefere ignorar as causas naturais das coisas** e só anseia por ouvir falar do que mais ignora e que, por isso mesmo, mais admira. Isso, porque **o vulgo é incapaz de adorar a Deus e atribuir tudo ao seu poder e à sua vontade**, sem elidir as causas naturais ou imaginar coisas estranhas ao curso da natureza. **Se alguma vez ele admira a potência de Deus, é quando imagina como que a subjugar a potência**

da natureza. (29)

O que temos dito é que o maior milagre, no caso da travessia do Mar Vermelho, não é propriamente abrir as águas em duas muralhas, mas o seu deslocamento, por cerca de 360 km, para atribuir a essa travessia o caráter de milagre. Então para nós é válida essa fala de Paulo: “ *se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas*” (2 Timóteo 4,4)

3. Mar Vermelho: pela “Arqueologia” de Wyatt

Cada vez mais tomamos consciência de que devemos pedir a Deus que nos mande o maior castigo (arder no “mármore do inferno?”), mas não permita que nos transformemos num fanático religioso. Esse tipo de gente se abdica de usar a inteligência para aceitar como verdade tudo quanto relata a Bíblia. Não fazem a menor questão de questionar seus disparates científicos, suas muitas contradições; para eles continua valendo o “creio, ainda que absurdo”.

E aí, bem vale esta fala atribuída a Paulo: *“Desviarão seus ouvidos da verdade e os orientarão para as fábulas.”* (2 Timóteo 4,4)

3.1. Origem da análise da arqueologia de Wyatt

Recebemos um e-mail no qual um internauta nos apresenta “provas” de que o milagre realizado por Moisés em “abrir” o Mar Vermelho realmente aconteceu, visando refutar a nossa pesquisa citada na “Parte I – Mar Vermelho: a travessia que nunca existiu”, que, originalmente, era apenas um texto. A base para sustentar isso é um arquivo intitulado “A travessia do Mar Vermelho – Investigação arqueológica Wyatt”, com nove slides, sem qualquer identificação do autor, apenas com a informação de que foi traduzido do espanhol: El Cruce del Mar Rojo Investigación Arqueológica Wyatt ⁽³⁰⁾.

Vejamos quem é Wyatt, que lhe serve de apoio:

Ronald Eldon Wyatt (2 de junho de 1933 – Memphis, 4 de agosto de 1999) **foi um arqueólogo amador contestado por suas supostas descobertas arqueológicas à respeito de localidades bíblicas.** Contudo, o único objeto arqueológico aceito ter pertencido ao templo de Salomão, o “Pomo de Marfim”, foi encontrado por ele. Entretanto, ele afirmava ter encontrado a verdadeira Arca de Noé, a Rota do Êxodo e as cidades de Sodoma e Gomorra. ⁽³¹⁾

Pelo que se vê, faltam-lhe credenciais técnicas para se lançar a uma arqueologia séria; como “amador” não possuía *know-how* para ser levado em conta, o que, provavelmente, foi um dos motivos pelos quais nunca foi reconhecido pelos especialistas da área; certamente, que um outro está a ele relacionado: sua crença religiosa.

No site Adventistas.com, encontramos:

Quem foi Ron Wyatt?

Ron Wyatt faleceu, infelizmente, em 4 de agosto de 1999 num hospital do Memphis (Estados Unidos) depois de batalhar contra o câncer por vários meses. Esteve rodeado por sua família e amigos durante suas horas finais, e dormiu em Jesus às 5:41 da manhã.

Ron Wyatt era **Adventista do Sétimo Dia** e ficou famoso por seu descobrimento da Arca de Noé, no sítio do navio encontrado na Região do Monte Ararat da Turquia, a muitos pés acima do nível do mar. Através dos anos, **Ron continuou escavando distintos sítios arqueológicos, que atestam que as histórias narradas no Antigo e Novo Testamento da Bíblia são verdadeiras.**

Entre seus achados figuram o descobrimento dos restos da Sodoma e Gomorra; o lugar do cruzamento dos israelitas pelo Mar Vermelho durante o êxodo, apoiado com um vídeo que

mostra partes de carruagens do exército do Faraó sob o mar, e colunas eretas pelo rei Salomão, 400 anos depois, para comemorar o feito. O verdadeiro Monte Sinai, com a rocha que Moisés partiu para que fluísse a água, quando os israelitas estiveram a ponto de morrer de sede, além de outras 19 referências do monte Sinai, que se nomeiam na Bíblia.

Uma de suas últimas escavações levou Ron Wyatt a descobrir a Arca do Concerto, que está relacionada ao verdadeiro lugar da crucificação de Cristo. **Este descobrimento incluía a surpreendente descoberta de sangue seco, que quando foi analisado, resultou ser como nenhum outro sangue encontrado jamais nesta terra... O sangue do próprio Filho de Deus!** ⁽³²⁾

Caso fossem verdadeiras essas suas descobertas, ele seria, indubitavelmente, mesmo na sua condição de simples amator, um dos mais consagrados arqueólogos do seu século.

Seria interessante que colocássemos alguma coisa sobre o que as recentes descobertas da Arqueologia têm desvendado, Apresentaremos informações de Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, dois dos principais arqueólogos em atividade. Finkelstein é diretor do Instituto de Arqueologia Sonia e Marco Nadler, da Universidade

de Tel Aviv, em Israel e Silberman é diretor de interpretação histórica do Centro Ename de Arqueologia Pública e Apresentação do Legado Histórico, na Bélgica, além de contribuir regularmente como editor para a revista *Archaeology*, autores do ***A Bíblia não tinha razão?***:

[...] seus achados revolucionaram o estudo do antigo Israel e **jogaram sérias dúvidas sobre as bases históricas de muitas narrativas bíblicas**, como as peregrinações dos patriarcas, o êxodo do Egito e a conquista de Canaã, e o glorioso império de Davi e Salomão.

[...] **agora é evidente que muitos eventos da história bíblica não aconteceram** numa determinada era ou da maneira como foram descritos. **Alguns** dos eventos famosos da Bíblia **jamais aconteceram inteiramente**.⁽³³⁾

Certamente, que alguns terão um “choque” de realidade ao lerem isso.

3.2. Análise crítica dos argumentos de Wyatt

Vejamos os textos que constam de alguns dos slides sobre a “investigação arqueológica” de Ron

Wyatt:

Slide 2:

Depois de investigar sobre a rota que os israelitas tinham tomado no Êxodo do Egito, Ron Wyatt encontrou que, a descrição bíblica concorda perfeitamente com um barranco profundo chamado Wadi Watir. O livro de Êxodo explica como Deus conduziu os filhos de Israel, *“Deus não os guiou pelo caminho dos filisteus, só porque era perto... Deus fez por isso o povo dar volta pelo caminho do ermo do Mar Vermelho”*. (Êxodo 13:17,18). Aqui encontramos uma área extensa, aberta do deserto. Então em Êxodo 14:1,2 Deus disse que deram a volta afastando-se do caminho, na qual encontrou Ron e Ihe conduziu a um barranco conhecido hoje como Wadi Watir. A Bíblia registra a reação de Faraó quando Ihe informaram que haviam desviado do caminho, (Êxodo 14:3), *“Estão vagueando em confusão pelo país. O ermo os encerrou”*, Wadi Watir é um barranco profundo largo que concorda com esta descrição perfeitamente.

Embora já tenhamos transcrito este trecho bíblico, é oportuno aqui o trazermos novamente para se evitar confusão:

Êxodo 13,17-18: ***“Tendo o faraó deixado partir o povo, Deus não o conduziu pelo caminho da terra dos filisteus, que é, no***

*entanto, o mais curto, pois disse: 'Talvez o povo possa arrepender-se, no momento em que tiver de enfrentar um combate e voltar para o Egito'. Por isso, Deus fez com que o povo desse uma volta pelo deserto, para o lado do **mar Vermelho**. Os israelitas partiram do Egito em boa ordem."* (Bíblia Sagrada - Ave-Maria)

O primeiro problema que nos surge, conforme já o dissemos alhures, é saber qual foi o verdadeiro motivo pelo qual os hebreus saíram do Egito:

- a) foram expulsos pelo Faraó (Êxodo 12,39);
- b) o Faraó os deixou partir (Êxodo 13,17); ou
- c) fugiram do Faraó ao saírem do Egito (Êxodo 14,5)?

Se estivéssemos numa prova, para testar nosso conhecimento, certamente que teríamos mais esta opção: "d) todas as alternativas são verdadeiras", a que, diante dos registros bíblicos, deveria ser marcada como correta.

Considerando que o Faraó saiu ao encalço dos hebreus, o mais provável é que ele os estava perseguindo, por terem fugido, e não que ele tenha

se arrependido de tê-los deixado sair, como está narrado num dos textos bíblicos.

Temos que: *“Fontes arqueológicas e históricas independentes relatam a imigração de semitas de Canaã para o Egito, e os egípcios expulsando-os com o uso da força”* ⁽³⁴⁾, entretanto, tratam-se dos hicsos, tendo tal fato acontecido por volta de 1570 a.C.

Em ***História dos Hebreus***, o historiador Flávio Josefo, informa que os hicsos saíram do Egito após um acordo com Temosis:

[...] Temosis, filho de Alisfragmoutofis, foi atacá-los com quatrocentos e oitenta mil homens, mas perdendo a esperança de vencê-los, fez com eles um acordo, isto é, que eles saíssem do Egito para se retirarem onde quisessem, sem que se lhes fizesse algum mal; e seu número era de duzentos e quarenta mil; eles partiram com todos os seus bens, para fora do Egito, através do deserto da Síria e temendo os assírios que então dominavam em toda a Ásia eles se dirigiram para um país que hoje é chamado de Judeia, onde construíram uma cidade capaz de conter aquela grande multidão de povo e a chamaram de Jerusalém. ⁽³⁵⁾

Os que nasciam na Judeia eram, originalmente, designados de judeus e, posteriormente, após o cativeiro da Babilônia, passaram a ser chamados de hebreus (WIKIPÉDIA). E Flávio Josefo estabelece a relação direta entre os hicsos, povos pastores ou cativos, como sendo os seus antepassados ⁽³⁶⁾.

O Êxodo pode ser situado em torno de 1440 a.C. ⁽³⁷⁾, o que nos coloca diante desta curiosa situação:

Mas não há pistas, nem mesmo uma única palavra, sobre antigos israelitas no Egito: nem nas inscrições monumentais nas paredes dos templos, nem nas inscrições em túmulos, nem em papiros. Israel inexistiu como possível inimigo do Egito, como amigo ou como nação escravizada. E simplesmente não existem achados arqueológicos no Egito que possam estar associados de forma direta com a noção de um grupo étnico distinto (em oposição a uma concentração de trabalhadores migrantes de muitos lugares), vivendo numa área específica a leste do delta, como subentendido no relato bíblico sobre os filhos de Israel vivendo juntos na terra de Gessen (Gêneses 47,27). ⁽³⁸⁾

Ou seja, temos o registro dos hicsos no Egito,

fato que aconteceu antes da escravidão dos hebreus; e desses, como está afirmado, nada foi encontrado. Em Êxodo 12,40 se afirma que a estada dos filhos de Israel no Egito, na escravidão, durou quatrocentos e trinta anos, tempo muito longo para que não tenham deixado um só registro de sua permanência. Uma coisa é certa para os entendidos:

A conclusão – de que o Êxodo não aconteceu na época e da forma descrita na Bíblia – parece irrefutável quando examinamos a evidência de sítios específicos, onde os filhos de Israel supostamente acamparam por longos períodos, durante sua caminhada pelo deserto (Números 33), e onde alguma indicação arqueológica – se existente –, é quase certo, seria encontrada. ⁽³⁹⁾

E quanto à fuga em si:

[...] não é razoável aceitar a ideia de fuga de um grande grupo de escravos do Egito, através de fronteiras vigiadas por guarnições militares, para o deserto e depois para Canaã, numa época com colossal presença egípcia na região. Qualquer grupo escapando do Egito contra vontade do Faraó teria sido rapidamente capturado, não apenas por um exército egípcio que o perseguiria desde o

delta, mas também por soldados egípcios dos fortes no norte do Sinai e em Canaã.

De fato, a narrativa bíblica sugere o perigo da experiência de fugir pela estrada da costa. Assim, **a única alternativa seria através das terras desérticas e desoladas da península do Sinai; mas a possibilidade de um grande grupo de pessoas caminhando por essa península também é contestada pela arqueologia.** ⁽⁴⁰⁾.

Por outro lado, na maioria das Bíblias consta, na passagem que citamos imediatamente acima, a expressão Mar Vermelho; entretanto, pela explicação dos tradutores da ***Bíblia de Jerusalém***, a coisa não é bem assim:

A designação de “o mar dos Juncos”, em hebraico *yam sūf*, é acréscimo. O texto primitivo dava apenas uma indicação geral: os israelitas tomaram o caminho do deserto para o leste ou o sudeste. – O sentido desta designação e localização do “mar de Suf” são incertos. Ele não é mencionado na narrativa de Ex 14, que fala apenas em “mar”. O único texto que menciona o “mar de Suf” ou “mar dos Juncos” (segundo o egípcio como cenário do milagre é Ex 15,4, que é poético. ⁽⁴¹⁾.

Então, o segundo problema é que o texto

primitivo não falava em mar; nele foi acrescentada a expressão hebraica *yam sûf*, que também significava mar dos Juncos, conforme podemos ver na **Bíblia Sagrada - Vozes**, cujos tradutores esclarecem:

“*Mar Vermelho*: lit. 'mar dos Juncos'. A expressão designa tanto o atual Mar Vermelho, como também a região pantanosa e de lagunas, atravessada hoje pelo canal de Suez. É o cenário da passagem dos israelitas pelo 'Mar Vermelho' (13,18)”. (42).

Seria oportuno, transcrever novamente a passagem bíblica que trata do assunto:

Êxodo 14,1-31: “*O Senhor disse a Moisés: ‘Dize aos israelitas que mudem de direção e **venham acampar diante de Piairot, entre Magdol e o mar, defronte de Baal Sefon: acampareis defronte desse lugar, perto do mar.** O faraó vai pensar: os israelitas perderam-se no país, e o deserto fechou-lhes a passagem. [...]’ Os israelitas obedeceram. **Quando se anunciou ao rei do Egito que o povo tinha fugido**, o coração do faraó e de seus servos voltou-se contra o povo: “Que fizemos - disseram eles - deixando partir Israel e renunciando assim ao seu serviço!”. O faraó*

mandou preparar seu carro e levou com ele suas tropas. **Escolheu seiscentos carros dos melhores e todos os carros egípcios** com homens de guerra em cada um deles. [...] **Puseram-se os egípcios a persegui-los e alcançaram-nos em seu acampamento à beira do mar: todos os cavalos dos carros do faraó, seus cavaleiros e seu exército alcançaram-nos perto de Piairot, defronte de Baal Sefon.** Aproximando-se o faraó, os israelitas, ao levantarem os olhos, viram os egípcios que vinham ao seu encalço. Foram tomados de espanto e invocaram o Senhor, clamando em alta voz. [...] O Senhor disse a Moisés: “Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que se ponham a caminho. E tu, **levanta a tua vara, estende a mão sobre o mar e fere-o, para que os israelitas possam atravessá-lo a pé enxuto.** [...] Moisés estendeu a mão sobre o mar. **O Senhor fê-lo recuar com um vento impetuoso vindo do oriente, que soprou toda a noite. E pôs o mar a seco. As águas dividiram-se** e os israelitas desceram a pé enxuto no meio do mar, enquanto as águas **formavam uma muralha à direita e à esquerda.** Os egípcios os perseguiram: todos os cavalos do faraó, seus carros e seus cavaleiros internaram-se após eles no leito do mar. [...] O Senhor disse a Moisés: **‘Estende tua mão sobre o mar, e as águas se**

voltarão sobre os egípcios, seus carros e seus cavaleiros’. Moisés estendeu a mão sobre o mar, e este, ao romper da manhã, voltou ao seu nível habitual. Os egípcios que fugiam foram de encontro a ele, e o Senhor derribou os egípcios no meio do mar. As águas voltaram e cobriram os carros, os cavaleiros e todo o exército do faraó que havia descido no mar ao encalço dos israelitas. Não ficou um sequer. Mas **os israelitas tinham andado a pé enxuto no leito do mar,** enquanto as águas formavam uma muralha à direita e à esquerda. Foi assim que naquele dia o Senhor livrou Israel da mão dos egípcios. E Israel viu os cadáveres dos egípcios na praia do mar. [...]” (Bíblia Sagrada – Ave-Maria)

Sobre essa passagem, explicam-nos, os tradutores da **Bíblia Sagrada – Vozes:**

A descrição da passagem pelo Mar Vermelho corresponde a um fenômeno de **ordem natural**, como o sugere a menção do “vento forte” (v. 21) que **põe o mar, isto é, uma região pantanosa**, em seco. Tal fenômeno foi providencial para salvar os israelitas (v. 24) e fazer perecer os egípcios (v. 27): de madrugada as condições climáticas foram favoráveis à passagem segura dos israelitas; de manhã mudaram bruscamente e os egípcios pereceram. Nisto Israel viu a mão providencial de Deus (v. 31), expressa

pela nuvem e pelo fogo (13,21), pelas águas que formam alas para os israelitas passarem (14,22) e pela vara milagrosa de Moisés (v. 16.21.26). [...].
(⁴³)

Aqui o fenômeno da passagem é localizado numa região pantanosa e tido como de ordem natural. Quem não conhece o movimento das marés poderá até achar um milagre que a água do mar, em alguns casos, se recue consideravelmente da praia, de forma que onde havia água se possa andar a pé enxuto.

Outro ponto que julgamos importante é que o texto afirma que *“nem um só deles escapou”*, o que nos coloca diante do fato de que não há nenhum registro histórico que o Faraó, que governava o Egito na época, seja ela qual for, tenha morrido afogado.

Quase ao final do slide, foi dito: *“A Bíblia registra a reação de (sic) Faraó quando lhe informaram que haviam desviado do caminho, (Êxodo 14:3), 'Estão vagueando em confusão pelo país. O ermo os encerrou'”*, entretanto, pelo texto bíblico o que temos é uma parte da fala de Deus a Moisés: *“Faraó certamente dirá então com respeito*

aos filhos de Israel: 'Estão vagueando em confusão pelo país. O ermo os encerrou'” (Novo Mundo), ou seja, é um fato completamente diferente daquilo que querem passar, pois não é a reação do Faraó, mas, simplesmente, uma presumível reação deste na suposição de Deus, conforme se vê de Sua fala a Moisés.

Slide 3:

Tradicionalmente crê-se que a travessia do Mar Vermelho ocorreu no Golfo de Suez. Não obstante, ali não há montanhas. A área é totalmente plana, e não concorda com a descrição bíblica. O Golfo de Suez converteu-se em um lugar muito popular porque tradicionalmente acredita-se que o Monte Sinai está na península do Sinai. Outra vez a Bíblia nos diz algo diferente, (Gálatas 4:25), “O Monte Sinai, na ARÁBIA”. Depois de várias milhas Wadi Watir desemboca em uma área grande de praia, na costa ocidental do Golfo de Aquaba. A única área de praia ao largo do Golfo de Aquaba, devia ter sido suficientemente grande para acomodar aproximadamente a dois milhões de pessoas e a seus rebanhos. Os Israelitas foram prevenidos de viajar ao norte por causa da presença de uma fortaleza militar egípcia. De fato, ao norte onde Wadi Watir desemboca encontramos uma fortaleza antiga, poderia ser este o lugar mencionado na Bíblia como, Migdol, (Êxodo 14:2). Ao sul, as montanhas se estendem para baixo em direção ao

mar, prevenindo assim qualquer outro passo a mais. Certamente não podiam voltar e regressar sobre seus passos pois o exército Egípcio os perseguia. Deus os havia levado a uma ponta onde somente Ele podia livrá-los, *“Não tenhais medo. Mantende-vos firmes e vede a salvação da parte de Jeová, que ele realizará hoje para vós. Pois os egípcios que hoje deveras vedes, nunca mais vereis, não, nunca mais... E Jeová começou a fazer o mar retroceder por meio dum forte vento oriental, durante toda a noite, e a converter o leito do mar em solo seco, e as águas foram partidas. Por fim, os filhos de Israel passaram pelo meio do mar em terra seca, enquanto as águas eram para eles como muralha à sua direita e à sua esquerda.”* (Êxodo 14:13, 21, 22).

Vejamos o teor da passagem Gálatas 4,24-25, na versão de vários tradutores bíblicos:

a) **Pastoral**: *“Simbolicamente isso quer dizer o seguinte: as duas mulheres representam as duas alianças. Uma, a do monte Sinai, gera para a escravidão e é representada por Agar (**pois o monte Sinai está na Arábia**, que é o país de Agar). E Agar corresponde à Jerusalém atual, que é escrava junto com seus filhos.”*

b) **Vozes**: *“Nestes fatos há uma alegoria. Estas duas mulheres representam as duas alianças: uma, que procede do monte Sinai, gera para a*

servidão. Esta é Agar. **O monte Sinai se encontra na Arábia** e corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos.”

c) **Paulus (Bíblia de Jerusalém)**: “Isto foi dito em alegoria. Elas, com efeito, são as duas alianças; uma, a do monte Sinai, gerando para a escravidão: é Agar (**porque o Sinai está na Arábia**), e ela corresponde à Jerusalém de agora, que de fato é escrava com seus filhos.”

d) **Mundo Cristão**: “Estas cousas são alegóricas: porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Hagar. Ora, **Hagar é o monte Sinai na Arábia**, e corresponde à Jerusalém atual que está em escravidão com seus filhos.”

e) **Vida Nova/SBB**: “Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. **Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia**, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos.”

f) **SBB**: “O que se entende por alegoria: porque estes são os dois concertos: um, do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é Agar. Ora, esta Agar é **Sinai, um monte**

da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos.”

g) **SBTB**: “que se entende por alegoria; porque estas são duas alianças; uma do monte Sinai, gerando filhos para a servidão, que é agar. Ora, esta **Agar é Sinai, um monte da Arábia**, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos.”

h) **Paulus (Bíblia do Peregrino)**: “Trata-se de uma alegoria que representa duas alianças. Uma procede do monte Sinai e gera escravos: é Agar. **Sinai é uma montanha da Arábia** que corresponde à Jerusalém atual, que vive com seus filhos em escravidão.”

i) **Ave-Maria**: “Nestes fatos há uma alegoria, visto que aquelas mulheres representam as duas alianças: uma, a do monte Sinai, que gera para a escravidão: é Agar. (**O monte Sinai está na Arábia**). Corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com os seus filhos.”

j) **Paulinas**: “Estas coisas foram ditas por alegoria, porque estas (duas mães) são os dois testamentos. Um do monte Sinai, que gera para a escravidão: Agar, porque o **Sinai é um monte da Arábia**, o qual corresponde à Jerusalém daqui debaixo, a qual é escrava com seus filhos.”

k) **Santuário**: “Isto foi dito por alegoria, pois as duas mulheres representam as duas alianças: uma, a do monte Sinai, que gera filhos para a escravidão, é Agar. Ora, o **Sinai é um monte da Arábia** e corresponde a Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos.”

l) **Novo Mundo**: “Estas coisas são como que um drama simbólico; pois estas [mulheres] significam dois pactos, um do monte Sinai, que dá à luz filhos para a escravidão e que é Agar. Ora, esta Agar significa o **Sinai, um monte na Arábia**, e ela corresponde à Jerusalém atual, pois está em escravidão com os seus filhos.”

m) **Barsa**: “as quais coisas foram ditas por alegoria. Porque estes são os dois Testamentos. Um certamente no monte Sinai, que gera para servidão; este é figurado em Agar. Porque o **Sinai é um monte da Arábia**, que representa a Jerusalém, que é cá debaixo, e que é escrava com seus filhos.”

n) **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo - Vol. 4** (Champlin): “O que se entende por alegoria: pois essas mulheres são dois pactos; um do monte Sinai, que dá à luz filhos para a servidão, e que é Agar. Ora, esta Agar é o monte Sinai na Arábia

e corresponde à Jerusalém atual, pois é escrava com seus filhos.” (44)

Observa-se que os textos das traduções são variados; talvez isso possa ser explicado tomando-se o que Russel N. Champlin diz sobre as variantes textuais para Gálatas 4,25 na obra **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo - Vol. 4**. Leiamos:

Um bom número de variações assinala o começo deste versículo. As palavras “...Pois esta Hagar é...” aparecem na maioria dos manuscritos posteriores da tradição bizantina, como também podem ser encontradas na tradição siríaca. Já os mss Aleph, CG, as versões latinas e os escritos de Orígenes omitem a palavra “...Hagar...”, embora a palavra “...Ora...” seja ali preservada. Já o antigo ms P(46), como os escritos de Ambrosiaster, pai da igreja, e a tradição saídica, omitem tanto “Ora” quanto “Hagar”, retendo apenas o termo grego “de”, que talvez possa ser melhor traduzida pela cópula “e”. De acordo com esses manuscritos, pois, a palavra “Hagar” fica subentendida com base no vigésimo quarto versículo, e o trecho diria: “...e (Hagar) é Sinai...” Todavia, o texto mais correto, no original grego, para ser “...to de Agar...” (ou seja, “...e Hagar...”), conforme se vê nos mss ABD e no Si(hmg). Parece que a palavra “Hagar” foi deixada em branco por acidente, ou talvez tenha sido omitida propositadamente, devido à sua presença

na sentença anterior (versículo vinte e quatro). É interessante que o ms Aleph acrescenta o vocábulo grego “on” (“o qual”), dando em resultado: “...e esta é Sinai, a qual é um monte da Arábia...” No entanto, a palavra “...Sinai...” é omitida pelo ms latino d; mas, visto que esse manuscrito é o único que faz isso, não representa autoridade alguma.
(⁴⁵)

Custamos, mas parece-nos que conseguimos desenrolar esse novelo. A principal informação que temos para isso foi obtida nesta explicação, em nota de rodapé: “O Sinai na Arábia: *os árabes são tidos como descendentes de Agar. Isso sugere que a aliança no Sinai gerava a escravatura*”. (⁴⁶).

Então temos que a coisa é simbólica, ou seja, estava falando dos árabes e não que o monte Sinai é na Arábia, como entendeu Ron Wyatt, e, certamente, muitos tradutores bíblicos, que dessa forma levam ao erro os seus leitores. Observa-se que algumas das traduções, que citamos, trazem essa ideia: Mundo Cristão, Vida Nova e SBB e Champlin, cujo texto é: “*Agar é o monte Sinai na Arábia*”. A expressão monte Sinai entra no texto significando a lei de Moisés, o antigo pacto, que escravizava as pessoas e Agar

sendo escrava e “mãe” dos árabes passou a representar esse pacto, que é atribuído à cidade de Jerusalém escravizada pelos romanos.

Para fugir do que geralmente os fanáticos fazem, é necessário entendermos o texto dentro do seu contexto, pois, na maioria das vezes, o isolamento nos conduz a uma ideia equivocada daquilo que o autor quer dizer. Leiamos, então:

Gálatas 4,21-31: Dizei-me vós, os que quereis estar sob a lei: acaso, não ouvís a lei? Pois está escrito que Abrão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa. Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe; porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são mais numerosos os filhos da abandonada que os da que tem marido. Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque. Como, porém, outrora, o que nascera

segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora. Contudo, que diz a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro com o filho livre. E, assim, irmãos, somos filhos não da escrava, e sim da livre.

Portanto, no texto, a expressão “monte Sinai” significa mesmo a Lei antiga, a que, segundo o pensamento de Paulo, escravizava. Podemos, para maior esclarecimento, colocar o que encontramos em algumas Bíblias sobre o assunto:

a) **Bíblia Shedd**: O quarto argumento, montado sobre uma transposição “alegórica” de textos bíblicos, é quase desconcertante para nós, embora fosse válido para intérpretes da Lei da sua época. Ponto de partida é o relato sobre os filhos de Abraão (segundo Gn 16 e 22). O comentarista explora as oposições e relações. Sara, esposa legítima e livre, estéril, milagrosamente dá à luz um filho livre, Isaac. Agar, concubina escrava, dá à luz um filho escravo, Ismael, que é excluído da herança e expulso. Paulo sobrepõe às figuras femininas de Agar e Sara a personificação clássica de Jerusalém como matriarca e esposa de Deus. Só que distingue uma Jerusalém empírica, submetida à escravidão (ou vassalagem política?) e uma Jerusalém transcendente, celeste,

destinatária da promessa de Is 54,1-3. ⁽⁴⁷⁾

b) **Bíblia Sagrada – Vozes**: As histórias de Agar e Sara (cf. Gn 16,1-16; 21,8-21) servem para Paulo fazer uma alegoria sobre a Antiga e a Nova Aliança. Os filhos de Abraão nascidos de Agar, “segundo a carne”, são todos escravos e simbolizam os que estão sob a Lei. Os nascidos de Sara, “segundo a promessa”, são filhos livres como os nascidos do Espírito pela fé em Jesus. ⁽⁴⁸⁾

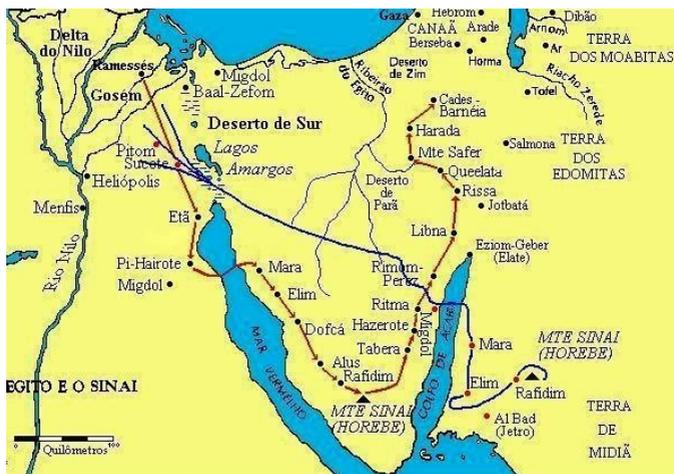
c) **Bíblia do Peregrino**: Uma alegoria (v. 24) significa mais do que uma ilustração. Como um tipo, refere-se às verdades espirituais escondidas nos acontecimentos e personagens históricos. A velha aliança da lei e a circuncisão não passam de escravidão (tipificada por Agar e Ismael); enquanto a nova aliança da promessa (tipificada por Sara e Isaque) liberta e garante a herança da nova Jerusalém, isto é, o Céu, onde Cristo já reina em poder. ⁽⁴⁹⁾

Visando definir a localização do monte Sinai, vamos, novamente, recorrer ao historiador Josefo que, em **História dos Hebreus**, afirmou que:

Moisés tendo subido ao **monte Sinai, que está entre o Egito e a Arábia**, lá ficou oculto durante quarenta dias e depois de ter descido, deu aos judeus as leis que eles ainda observam. ⁽⁵⁰⁾

Assim, temos que “*está entre o Egito e a Arábia*” não é localizar na Arábia o monte Sinai, como quer Ron Wyatt para manter a passagem do Mar Vermelho como ocorrência real.

Aliás, existe um adágio popular que diz “*quem tem um cobertor curto: se cobre a cabeça, descobre os pés; se cobre os pés, descobre a cabeça*”. Essa é a síndrome de Ron Wyatt, que, querendo autenticar o milagre do Mar Vermelho, derruba toda a rota do êxodo até o monte Sinai, que é traçada na própria Bíblia; a consequência é que nesse ponto a narrativa deixa de ser verdadeira. Para facilitar vejamos o mapa “Egito e o Sinai”:



<http://www.igreja.essencial.nom.br/sinai0.jpg>

A rota tradicional está em vermelho (embora seja um pouco diferente, quanto ao início e o local da passagem, com outros mapas), enquanto que a da versão Wyatt está em azul. Pela narrativa bíblica temos: Ramsés (Êxodo 12,37) e Sucot (Êxodo 13,20), pontos iniciais; Etam, à beira do deserto (Êxodo 13,20); voltaram a Piairot, entre Magdol e o mar, diante de Baal Sefon (Êxodo 14,2), local onde o Faraó, com seu exército, alcançou os hebreus (Êxodo 14,9), que é também o lugar da ocorrência da passagem pelo “Mar Vermelho”, que, na verdade, é mar dos Juncos; deserto de Sur (Êxodo 15,22); Mara (Êxodo 15,23); Elim (Êxodo 15,27); deserto de Sin, entre o Elim e o Sinai (Êxodo 16,1), até este ponto foram gastos 45 dias de caminhada; Rafidim (Êxodo 17,1) e Sinai (Êxodo 19,1), ponto ao qual queremos chegar. Os nomes aqui constantes estão grafados conforme a versão da *Bíblia de Jerusalém*.

Para sustentar sua tese Ron Wyatt altera a posição de alguns locais como: Migdol, Mara, Elim, Rafidim e o Sinai, fazendo os hebreus assumirem uma rota na qual o percurso é quase todo em região de desertos, ou seja, tira-os de uma rota mais

próxima da orla marítima, onde, certamente, seria menos inóspita a caminhada.

Uma outra questão, não levada em conta por Ron Wyatt, foi o tempo que se gastou para que os hebreus chegassem ao Mar Vermelho, considerando-se dois fatores importantíssimos: o primeiro, em relação ao total de pessoas envolvidas na caminhada; pela narrativa bíblica temos 600.000 homens a pé, sem contar as crianças (Êxodo 12,37); disso estimam que eram por volta de 2.000.000 de pessoas, o que, seguramente, tornava a caminhada bem lenta, facilitando os egípcios alcançá-los logo após a saída do Egito; o segundo é que o Faraó, imediatamente, saiu em perseguição alcançando-os próximo ao Mar Vermelho (Êxodo 14,9); calculamos algo próximo de uns 100 km do ponto de saída, enquanto que, na teoria de Ron Wyatt, esse percurso chegaria a cerca de 270 km, no qual, estimamos, gastariam uns 45 dias para se percorrer, enquanto, pelo texto bíblico, esse tempo foi gasto para se chegar ao monte Sinai; é longo demais para que não fossem alcançados pelo Faraó e seu exército, levando-se em conta o outro trajeto para se chegar a

essa nova localização do Mar Vermelho.

Tudo isso nos leva a crer, caso sejam verdadeiros os fatos constantes da narração bíblica, que a rota é a tradicional mesmo, pois na de Ron Wyatt percebemos que ele força as coisas para se chegar a uma ideia pré-determinada. Para corroborar a nossa dedução, trazemos a opinião de **R.N. Champlin**, grau B.A. em Literatura Bíblica no *Immanuel College*, os graus M.A. e Ph.D. em Línguas Clássicas na *University of Utah* e estudos de especialização (no nível de pós-graduação) no Novo Testamento na *University of Chicago* e **J. M. Bentes**, tradutor e autodidata de estudos bíblicos, que em ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 4***, explicam:

As águas do êxodo. A comparação entre Êxodo 14 e 15:22, observando-se o paralelismo poético em 15:4, deixa claro que o “mar” atravessado pelos hebreus em Êxodo 14 era o “mar dos juncos”, que corresponde ao egípcio “alagadiços de papiros”, particularmente no nordeste do delta do Nilo. ⁽⁵¹⁾

Fora essa opinião, vemos que em quase todas as Bíblias seus tradutores comungam com essa ideia

desses dois estudiosos.

Slide 4:

Ron encontrou uma coluna derrubada sobre a costa. No lado Saudita encontrou outra exatamente igual com uma inscrição em hebraico antigo que diz, “MIZRAIM (Egito), SALOMÃO, EDOM, MORTE, FARAÓ, MOISÉS, YAHWEH.” Ele crê que foram erigidas por Salomão para comemorar A travessia do Mar Vermelho. As inscrições sobre a coluna que foi encontrada derrubada na costa haviam sido erosionadas. As autoridades firmaram-nas dentro de concreto.

As colunas citadas foram encontradas: a do lado egípcio (Nuweiba) em 1978 e em 1984 a do lado árabe (Midiã) ⁽⁵²⁾. Estimamos, pelas fotos, que cada uma delas tenha cerca de 4,10 m de altura e 0,70 m de diâmetro, o que nos leva a questionar: será que um artefato desse tamanho, e a céu aberto (é o que se mostra nas fotos) não foi visto por nenhum outro arqueólogo antes das datas mencionadas?

A pergunta é: Foi feito algum tipo de comprovação científica, para se atestar se são verdadeiras, quanto à construção, arte e escrita?

Slide 5:

Mergulhando no fundo do mar, em 1978, Ron Wyatt e seus dois filhos encontraram e fotografaram numerosas peças de carruagens incrustados de coral. Desde então, várias incursões de mergulho tem revelado mais e mais evidência. Um de seus achados incluiu uma roda de carruagem de oito raios, a qual levou Ron ao diretor de antiguidades Egípcias, o Dr. Nassif Mohammed Hassan. Depois de examiná-lo imediatamente disse que pertenceu à décima oitava dinastia, datando o êxodo no ano 1446 A.E.C. Quando lhe perguntaram como sabia, o Dr. Hassan explicou que a roda de oito raios foi utilizada unicamente durante este período, a época de Ramses II e Tutmoses (Moisés). Caixas de carruagens, esqueletos humanos, esqueletos de cavalos, rodas com quatro, seis e oito raios, tudo permanece como um testemunho, como um testemunho silencioso ao milagre da divisão do Mar Vermelho.

O texto bíblico narra que o Faraó levou consigo *“seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, com oficiais sobre todos eles”* (Êxodo 14,7); então o lógico seria de se esperar, caso tenham morrido afogados pela volta das águas ao estado normal, era que achassem boa parte dos carros – observe, caro leitor, que se diz *“todos os carros”* –, das ossadas dos cavalos que puxavam esses carros,

e, obviamente, das de seus condutores para que se possa definitivamente relacioná-los aos egípcios, tomando-se como base critérios estritamente científicos e não religiosos. E apresentamos uma nova questão: por que não há registro disso na história dos egípcios?

Em **A Bíblia não tinha razão**, os autores Finkelstein e Silberman, já mencionados, nos informam que:

[...] **A identificação de Ramsés II como o Faraó do Êxodo resulta de suposições eruditas modernas**, baseadas na identificação do nome do lugar Pi-Ramsés com Ramsés (Êxodo 1,11; 12,37). Mas existem alguns elos indiscutíveis com o século VII a.C. Além da vaga referência ao medo dos israelitas de seguir pela estrada da costa, não há menção dos fortes egípcios ao norte do Sinai ou das suas guarnições em Canaã. A Bíblia pode refletir a realidade do Novo Império, mas também pode refletir as condições posteriores na Idade do Ferro, mais próximas da época em que a narrativa do Êxodo foi escrita. ⁽⁵³⁾.

A nosso ver, merece mais crédito a opinião desses dois estudiosos do que a de Ron Wyatt. Mas quem quiser pensar o contrário, certamente, é livre

para isso.

Slide 8:

Possivelmente o mais assombroso de tudo, é a presença de uma *ponte natural abaixo da água*. Ao largo do Golfo de Aquaba, as profundidades alcançam cerca de 5.000 pés e a costa Egípcia vai descendo a essa profundidade em um declive de cerca de 45 graus. Se os Israelitas tivessem tentado cruzar em qualquer outro lugar ao largo do Golfo de Aquaba teriam que enfrentar uma ladeira muito inclinada de aproximadamente 5.000 pés. Com todos seus animais e carros, a tarefa seria praticamente impossível. Somente aqui, nas margens de Nuweiba, há um "caminho" descendente em um degrau gradual de 6 graus, a uma profundidade de somente 100 metros. A Bíblia a descreve como, "*Aquele que faz um caminho através do próprio mar e uma senda mesmo através de fortes águas.*" (Isaías 43:16, 17) A distância de Nuweiba a Arábia Saudita é de cerca de oito milhas. E a largura da ponte natural abaixo da água, estima-se que é de 900 metros.

O fato de existir uma "*ponte natural debaixo d'água*" não quer dizer muita coisa, pois ainda restaria a necessidade de se fazer um milagre para que ela pudesse dar passagem aos hebreus; além disso, há que se ter mais sólidas evidências de que os hebreus passaram mesmo por lá.

Apelar para milagres é uma coisa pouco científica; portanto, somente o fato de se crer nele não faz disso uma realidade, muito menos uma prova científica.

A descrição do trecho de Isaías (43,16-17) se refere a Deus e não propriamente a um caminho, sobre o qual se procurava localizá-lo em alguma região específica.

Slide 9:

Aarón Sen mergulhou em numerosas ocasiões neste lugar, e pôde atestar a veracidade do descobrimento. Em março de 1998, fotografou os restos de uma roda de carruagem de quatro raios, e retirou ossos humanos dos quais há “dúzias” dispersadas no leito do mar. Um osso foi levado ao departamento de Osteologia na Universidade de Estocolmo, para ser analisado, demonstrando que se trata de um fêmur direito humano, masculino. Porém não pôde ser datado, evidentemente procede de épocas antigas. A altura do homem se estima que era dentre 1,65 e 1,70cm, e os ossos haviam sido substituídos por minerais. Pequenas quantidades de coral cresceram sobre eles substituindo ao mineral. Aarón viu a ladeira ao sul da ponte natural abaixo da água. Também viu um caminho que os israelitas haviam limpado para cruzar o Mar Vermelho, conduzindo desde a margem, descendo dentro do mar. Os israelitas

tiveram que apartar as pedras e rochas aos lados para permitir o acesso para seus carros.

Conforme já citamos anteriormente, a quantidade de carros, cavalos e homens que acompanhavam o Faraó, e que presumidamente foram “enterrados” pelas águas do Mar Vermelho, deve ser levada em conta para se ter dados suficientes a fim de se atestar se são mesmo de egípcios. Observe a informação de que não se conseguiu “datar”, em análise laboratorial, um dos ossos encontrados e encaminhado à análise laboratorial.

3.3. Conclusão

Para se ter uma boa ideia do nível de fanatismo de Ron Wyatt, vejamos na [Wikipédia](#) a lista completa do que se diz ter ele descoberto:

- Arca de Noé (Durupinar), localizada a aproximadamente a 29 km ao sul do Monte Ararat.
- Âncoras de pedra utilizadas por Noé na Arca.

- A casa pós-dilúvio, lápides e túmulos de Noé e sua esposa.
- A localização de Sodoma e Gomorra e as outras cidades da planície: Zoar, Zeboim e Admah.
- Pedras de enxofre entre as cinzas de Sodoma e Gomorra.
- A área do complexo da pirâmide de Djoser que se acredita ser os restos de depósitos de distribuição de grãos de José, utilizados durante a fome de sete anos.
- A Torre de Babel, no sul da Turquia.
- Como os egípcios podem ter construído as pirâmides.
- O local em que os israelitas teriam cruzado do Mar Vermelho (localizado no Golfo de Aqaba).
- Rodas dos carros e outras relíquias do exército de Faraó no fundo do Mar Vermelho.
- O sítio do Monte Sinai bíblico na Arábia Saudita.
- Uma câmara no final de um labirinto de túneis sob Jerusalém contendo artefatos de Templo de Salomão (incluindo a Arca da Aliança).
- O local da crucificação de Jesus.
- O sangue de Cristo derramado abaixo do local da crucificação, que de acordo com Wyatt, continha um DNA com 24 cromossomos, ao invés de 46.
- Potes funerários ao longo da costa de Ashkelon. ⁽⁵⁴⁾

Com uma lista de feitos dessa ordem, como ele não é citado, por exemplo, pelos autores: Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman (*A Bíblia não tinha razão*); Werner Keller (*e a Bíblia tinha razão...*) e Robin Lane Fox (*Bíblia: verdade e ficção*)?

Interessante é que, fora o que citamos logo no início, temos textos sobre assuntos relacionados a essa lista de Ron Wyatt: [“A arca de Noé, verdade ou ficção?”](#), [“E aconteceu no Sinai”](#), [“Sodoma e Gomorra, castigadas por Deus?”](#) e [“Torre de Babel: o carro na frente dos bois”](#).

O que percebemos nisso tudo é apenas um fundamentalismo exacerbado que torna as pessoas cegas para a verdade, preferindo acreditar somente no que está escrito na Bíblia, por mais absurdo que se apresente. Quando uma pessoa chega a esse ponto ela não enxerga o óbvio; seus olhos voltam-se apenas para aquilo em que acredita.

Para corroborar que esses fatos citados na Bíblia podem não ser tão verdadeiros assim, vamos encerrar citando mais essas opiniões:

a) Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, em ***A Bíblia não tinha razão***:

No final do século XX, a arqueologia havia mostrado, de maneira simples, que existiam muitas correspondências materiais entre os achados em Israel e em todo o Oriente Próximo e no mundo descrito na Bíblia, para sugerir que toda essa história seja apenas uma literatura sacerdotal posterior e fantasiosa, escrita sem qualquer base histórica. ⁽⁵⁵⁾.

b) Vinícius Romanini, ***A Bíblia passada a limpo***. In Superinteressante, edição 178:

O Êxodo

Não há registro histórico da existência de Moisés ou dos fatos descritos no Êxodo. A libertação dos hebreus, escravizados por um faraó egípcio, foi incluída na Torá provavelmente no século VII a.C., por obra dos escribas do Templo de Jerusalém, em uma reforma social e religiosa. Para combater o politeísmo e o culto de imagens, que cresciam entre os judeus, os rabinos inventaram um novo código de leis e histórias de patriarcas heroicos que recebiam ensinamentos diretamente de Jeová. Tais invenções acabaram batizadas de “ideologia deuteronômica”, porque estão mais evidentes no livro Deuteronômio. A prova de que esses textos são lendas estaria nas inúmeras incongruências culturais e geográficas entre o texto e a realidade. Muitos reinos e locais citados na jornada de Moisés pelo deserto não existiam no século XIII a.C., quando o Êxodo teria ocorrido. Esses locais só viriam a existir 500 anos depois, justamente no período dos escribas deuteronômicos. Também

não havia um local chamado Monte Sinai, onde Moisés teria recebido os Dez Mandamentos. Sua localização atual, no Egito, foi escolhida entre os séculos IV e VI d.C., por monges cristãos bizantinos, porque ele oferecia uma bela vista. [...] ⁽⁵⁶⁾.

Sabemos que estudos como esse, que estamos apresentando, causam indignação a certas pessoas; entretanto, pelo fato de estarmos em busca da verdade, pouco nos importa se esses fundamentalistas ainda insistem em pensar de outra forma. Que Deus tenha pena de suas almas!

4. Considerações finais

O que temos visto ao longo dos tempos de pesquisa e análise de textos bíblicos é que há sérios problemas entre eles, especialmente quando se quer tê-los como inspirados por Deus.

Reconhecemos não ser nada fácil aos crentes em geral, visto que os líderes e todos aqueles que os querem manter “presos” às suas crenças, usam do expediente de lavagem cerebral, e com isso os tornam “cegos” às inúmeras inconsistências e/ou contradições das narrativas bíblicas. Coisas bem simples, como por exemplo, por qual motivo dos hebreus saíram do Egito existem três. Ora, por absoluta lógica, há que ser apenas um deles.

Gabriel Delanne (1857-1926) bem o disse: *“Mas é incontestável que todos os dias descobrimos fatos que nos obrigam a modificar nossas velhas opiniões, e até mesmo a ter uma visão oposta das ideias reinantes.”*

5. Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada.** 8ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- Bíblia de Jerusalém,** nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino.** s/ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada,** 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada,** 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada,** 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa.** s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral.** 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada,** s/ed. Brasília – DF: Sociedade Bíblica do Brasil 1969.
- Bíblia Sagrada.** 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Shedd.** 2ª ed. São Paulo: Vida nova e Baueri, SP: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas,** Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 1.** São Paulo: Candeia, 1995a.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 4**, São Paulo: 1995.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo - Vol. 4**. São Paulo: Hagnos, 2005.

ESPINOSA, B. **Tratado Teológico-Político**, São Paulo; Martins Fontes, 2003.

FINKELSTEIN, I e SILBERMAN, N. A. **A Bíblia não tinha razão**. São Paulo: A Girafa, 2003.

GARDNER, L. **Os Segredos Perdidos da Arca Sagrada**, São Paulo: Madras, 2004.

JOSEFO, F. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

KELLER, W. **E a Bíblia Tinha Razão...** São Paulo: Melhoramentos, 2004.

ROMANINI, V. **A Bíblia passada a limpo**. In: *Superinteressante*, edição 178, São Paulo: Abril, julho 2002, p. 40-50.

Periódicos

National Geographic Especial nº 26 A, São Paulo: Abril, junho de 2002.

Superinteressante, edição 178, São Paulo: Abril, julho 2002.

Internet:

ADVENTISTAS.COM, *Quem foi Ron Wyatt?*, disponível em: http://www.adventistas.com/agosto2003/arca_concerto.htm. Acesso em 29.10.2008, às 16:01hs.

- Carlos Caprice, *Onde Fica o Verdadeiro Monte Sinai*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZsuHqdsu6Zo> (parte 1), <https://www.youtube.com/watch?v=mOjFcHFMw1I> (parte 2) e <https://www.youtube.com/watch?v=oG2ITOClljg> (parte 3).
- SANCHES, J. (prof.) *Arqueologia e geografia bíblica*, disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/88558763/arqueologia>. Acesso em: 28 out. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *A arca de Noé, verdade ou ficção?*, disponível em <https://paulosnetos.net/article/a-arca-de-noe-verdade-ou-ficcao-ebook>. Acesso em: 28 out. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *E aconteceu no Sinai*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/e-aconteceu-no-sinai>. Acesso em: 28 out. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Sodoma e Gomorra, castigadas por Deus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/sodoma-e-gomorra-castigadas-por-deus>. Acesso em: 28 out. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Torre de Babel: o carro na frente dos bois*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/torre-de-babel-o-carro-na-frente-dos-bois>. Acesso em: 28 out. 2024.
- SLIDESERVE, *A travessia do Mar Vermelho – investigação arqueológica Wyatt*, disponível em: <https://www.slideserve.com/hope/a-travessia-do-mar-vermelho-investiga-o-arqueologica-wyatt>. Acesso em: 28 out. 2024.

SÓ HISTÓRIA, *Os grandes faraós (continuação)*, disponível em:

<https://www.sohistoria.com.br/ef2/egito/faraos3.php>).

Acesso em: 28 out. 2024.

WIDIPÉDIA, *Judeus*, disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Judeus>. Acesso em

28.10.2008, às 15:35hs.

WIKIPÉDIA, *Ron Wyatt, Descobertas arqueológicas*,

disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ron_Wyatt.

Acesso em 28.10.2008, às 14:15hs.

Imagens:

Bíblia Anotada, mapa 3: “Rota do Êxodo e conquista de Canaã”.

CATEQUESE CATÓLICA, *Passagem no Mar Vermelho*, disponível em:

<https://catequizar.com.br/wp-content/uploads/2020/05/passagem-no-mar-vermelho.jpg>. Acesso em: 28 out.

2024.

IGREJA ESSENCIAL, *Rota do êxodo*, disponível em:

<http://www.igreja.essencial.nom.br/sinai0.jpg>. Acesso

em 30.10.2008, às 9:18hs.

6. Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*,

2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III; 3) Racismo em Kardec?; 4) Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?; 5) A Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustain, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires Diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 CATEQUESE CATÓLICA, *Passagem no Mar Vermelho*, disponível em:
<https://catequizar.com.br/wp-content/uploads/2020/05/passagem-no-mar-vermelho.jpg>
- 2 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 1*, p. 36.
- 3 *Bíblia de Jerusalém*, p. 121.
- 4 *Bíblia de Jerusalém*, p. 121-122.
- 5 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 87.
- 6 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 87.
- 7 *Bíblia Shedd*, p. 95.
- 8 *Bíblia Anotada*, mapa 3: “Rota do Êxodo e conquista de Canaã”.
- 9 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 4*, p. 116.
- 10 *Bíblia Shedd*, p. 91.
- 11 *Bíblia Sagrada - Paulinas* (1980), p. 88.
- 12 GARDNER, *Os Segredos Perdidos da Arca Sagrada*, p. 61.
- 13 *Bíblia Anotada*, em relação a Êxodo 13,18, p. 98.
- 14 *Bíblia Sagrada - Vozes*, em relação a Êxodo 10,19, p. 91.
- 15 *Bíblia Sagrada - Vozes*, em relação a Êxodo 14,21-31, p. 97.
- 16 *Bíblia Sagrada - Vozes*, em relação à Ex. 14,15-31, p. 97.
- 17 KELLER, *A Bíblia Tinha Razão...*, p. 146.
- 18 **Mar dos Juncos**: Ex 10,19; 13,18; 15,4; 15,22; Ex 23,31; Nm 33,10; 33,11; Js 2,10; 4,23; 24,6; Jz 11,16; 1Rs 9,26; Ne 9,9; Sl 106,7; 106,9; 106,22; 136,13; **Mar Vermelho**: Dt 11,4; Jd 5,13; 1Mc 4,9; Sb 10,18; 19,7; At 7,36; Hb 11,29; Mar de Suf: Nm 14,25; 21,4; Dt 1,40; 2,1; **Mar dos Caniços**: Jr 49,21
- 19 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 87.

- 20 *Bíblia Sagrada - Santuário*, em relação a Josué 3, 16, p. 286.
- 21 *Bíblia de Jerusalém*, em relação a Josué 3, 16, p. 317.
- 22 *Bíblia Sagrada - Vozes*, em relação a Josué 4,3, p. 238.
- 23 *Bíblia Shedd*, p. 308-309.
- 24 *Bíblia de Jerusalém*, p. 251-252.
- 25 KELLER, A *Bíblia Tinha Razão...*, p. 145.
- 26 SÓ HISTÓRIA, *Os grandes faraós (continuação)*, disponível em:
<https://www.sohistoria.com.br/ef2/egito/faraos3.php>
- 27 *National Geographic*, Ed 26ª, texto de Rick Gore, in *Ramsés, o Grande*, p. 35.
- 28 *National Geographic*, Ed. 26ª, texto de Kent R. Weeks, in *Vale dos Reis*, p. 60.
- 29 ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, p. 96.
- 30 SLIDESERVE, *A travessia do Mar Vermelho - Investigação arqueológica Wyatt*, disponível em:
<https://www.slideserve.com/hope/a-travessia-do-mar-vermelho-investiga-o-arqueol-gica-wyatt>
- 31 WIKIPÉDIA, *Ron Wyatt*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ron_Wyatt
- 32 ADVENTISTAS.COM, *Quem foi Ron Wyatt?*, disponível em:
http://www.adventistas.com/agosto2003/arca_concerto.htm
- 33 FINKELSTEIN e SILBERMAN, *A Bíblia não tinha razão?*, p. 14-16 - passim.
- 34 FINKELSTEIN e SILBERMAN, *A Bíblia não tinha razão?*, p. 86.
- 35 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 714.
- 36 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 715

- 37 FINKELSTEIN e SILBERMAN, *A Bíblia não tinha razão?*, p. 86.
- 38 FINKELSTEIN e SILBERMAN, *A Bíblia não tinha razão?*, p. 90.
- 39 FINKELSTEIN e SILBERMAN, *A Bíblia não tinha razão?*, p. 94.
- 40 FINKELSTEIN e SILBERMAN, *A Bíblia não tinha razão?*, p. 91-92.
- 41 *Bíblia de Jerusalém*, p. 121.
- 42 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 91.
- 43 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 97.
- 44 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo - Vol. 4*, p. 492 e 493.
- 45 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo - Vol. 4*, p. 493.
- 46 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 1496.
- 47 *Bíblia Shedd*, p. 2798.
- 48 *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 1383.
- 49 *Bíblia do Peregrino*, p. 1651.
- 50 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 727.
- 51 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 4*, p. 116.
- 52 SANCHES, *Arqueologia e geografia bíblica*, disponível em:
<https://www.passeidireto.com/arquivo/88558763/arqueologia>
- 53 FINKELSTEIN e SILBERMAN, *A Bíblia não tinha razão*, p. 97-98.
- 54 WIKIPÉDIA, *Ron Wyatt, Descobertas arqueológicas*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ron_Wyatt
- 55 FINKESLSTEIN e SILBERMAN, *A Bíblia não tinha razão*, p. 36.

56 ROMANINI, *A Bíblia passada a limpo*. In: *Superinteressante*, edição 178, p. 43.